

SUMÁRIO

13 • *Apresentação*

15 • *Introdução*

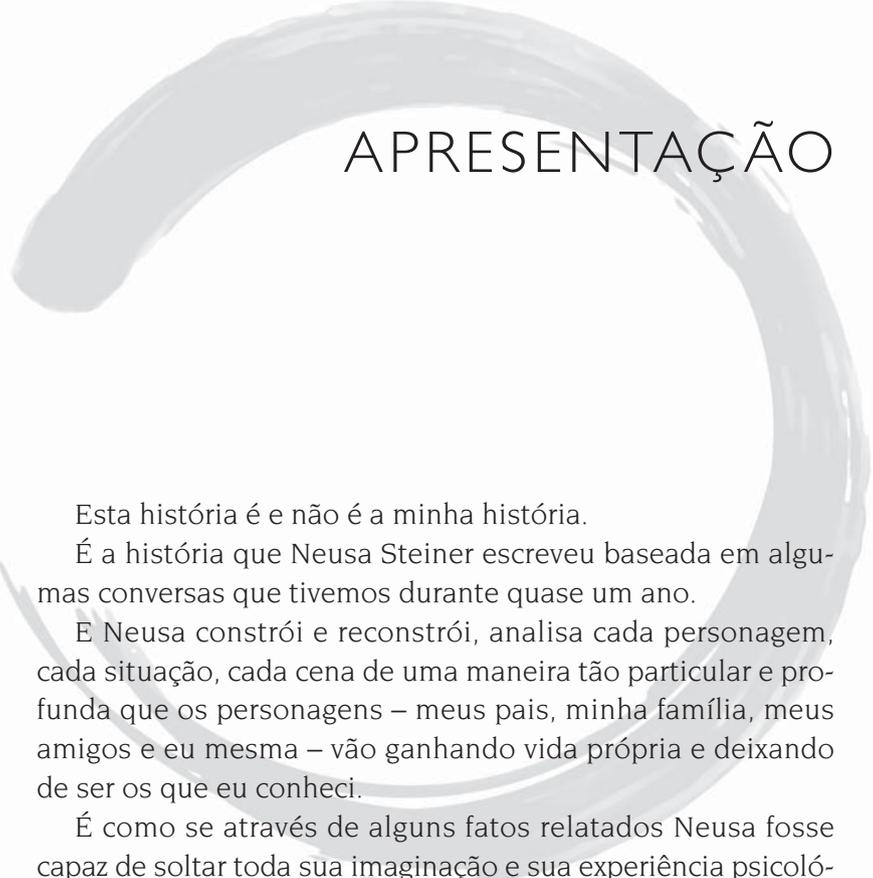
19 • *Prólogo*

23 • *Clara*

67 • *Silvia*

177 • *Monja*

251 • *Epílogo*



APRESENTAÇÃO

Esta história é e não é a minha história.

É a história que Neusa Steiner escreveu baseada em algumas conversas que tivemos durante quase um ano.

E Neusa constrói e reconstrói, analisa cada personagem, cada situação, cada cena de uma maneira tão particular e profunda que os personagens – meus pais, minha família, meus amigos e eu mesma – vão ganhando vida própria e deixando de ser os que eu conheci.

É como se através de alguns fatos relatados Neusa fosse capaz de soltar toda sua imaginação e sua experiência psicológica na construção de uma realidade criada por ela mesma.

Para mim foi e tem sido uma tarefa extremamente agradável falar com ela e me deslumbrar com sua imaginação e liberdade na construção desta história comovente.

Conhecemo-nos numa loja de animais, onde eu comprava ração para alguns cães que me tinham. Conversamos. Ela me falou de mulheres e suas dores – em especial a fibromialgia.

Semanas se passaram e ela me procurou. Poderíamos fazer uma vivência juntas, com poesia, psicoterapia e meditação.

Mulheres e suas dores.

Dor de nascer, de amar, de se perder, de se encontrar.

Dor de parto, dor de perda, dor de fibras, dor de músculos, dor de tristeza, dor de amor. Tantas e tantas dores.

Como lidamos com a dor? O que é a dor?

Experimentamos vários locais, fizemos diversas tentativas e não era o momento.

Então ela me falou em escrever sobre mulheres. Mulheres que passaram por dores diversas. Dores que passaram por mulheres diversas.

Assim Neusa me faria personagem de um livro com várias mulheres. Acabou sendo este romance.

Ela começou a perguntar sobre minha vida. Infância, adolescência, casamento, divórcio, nascimento de filha, trabalho jornalístico, procura filosófico-metafísica, encontro com o Zen Budismo, ordenação, vida monástica e vida de monja no Brasil.

Brevemente percorremos sessenta anos de minha vida e uns bons anos antes de eu ter nascido.

Do que conversamos este livro agora é uma provocação. Provocação sobre o que vivi e falei interpretado e transformado. É um romance forte e sofrido sobre essa menina-mulher-monja-anciã. Um pouco eu e muito não eu.

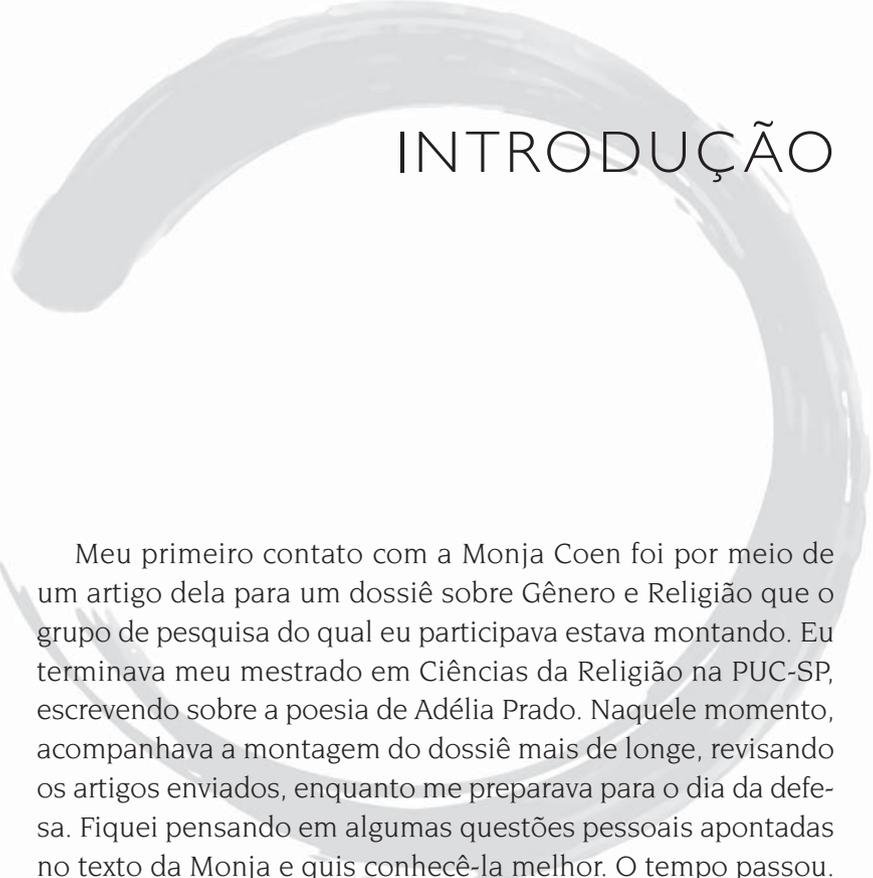
Pedi a ela que mudasse os nomes de todos os personagens, pois não quero ofender nem ser ofendida. Quem compartilhou partes dessa história aqui transfigurada poderá ficar confundido, magoado. Não é você, não sou eu. Lembre-se: é um romance baseado em minha vida.

Assim, é e não é a minha história.

Apreciem com ternura, pois cada instante de nossa vida é tênue e passageiro. Capaz de tantas interpretações quantas mentes humanas houver.

E sempre haverá um dia em que, olhando para trás, não seremos mais capazes de saber se foi sonho, realidade ou fantasia.

Mãos em prece.



INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com a Monja Coen foi por meio de um artigo dela para um dossiê sobre Gênero e Religião que o grupo de pesquisa do qual eu participava estava montando. Eu terminava meu mestrado em Ciências da Religião na PUC-SP, escrevendo sobre a poesia de Adélia Prado. Naquele momento, acompanhava a montagem do dossiê mais de longe, revisando os artigos enviados, enquanto me preparava para o dia da defesa. Fiquei pensando em algumas questões pessoais apontadas no texto da Monja e quis conhecê-la melhor. O tempo passou. Um ano após finalizar o mestrado, eu trabalhava com grupos de mulheres portadoras de fibromialgia, e a dor na vida das mulheres tornou-se o foco de minhas pesquisas.

Para minha surpresa, estava em um pet shop e vi aquela figura única, em suas vestes monásticas e com a cabeça raspada. Foi ali nosso primeiro encontro. Marquei uma visita ao templo que ela dirigia e, a partir dali, a vontade de escrever sobre ela foi irrecusável. Fiz algumas entrevistas, de maneira simples, utilizando mais a experiência terapêutica do que a visão jornalística que, obviamente, eu não dominava. Suas lutas pessoais e a compreensão de si mesma foram assim ganhan-

do evidência em minhas perguntas. Eu me via diante de uma mulher de minha geração, com inquietações semelhantes às que tive e soluções díspares das que encontrei na vida.

Quando dei por mim, estava encarando a recuperação de um desejo antigo e sempre postergado: escrever um romance. Queria poder trabalhar com a realidade e ir para além dela. Por seu lado, a Monja Coen gostava da ideia, queria me deixar voar e criar com base em sua história. Nosso entendimento foi sempre cheio de sincronicidade, visões semelhantes, mas principalmente respeito mútuo incondicional. Não sou budista e, embora criada no catolicismo, posso me declarar sem religião. Isso nunca interferiu em nosso entendimento, e a adesão religiosa não foi o tópico de nossas inquietações. Nosso entusiasmo foi, na verdade, montar juntas trabalhos que pudessem falar às mulheres, compartilhar o que nos instigava na questão feminina.

O problema que mais nos saltava aos olhos, ela na função de monja e eu na de terapeuta, era a dor das mulheres, tanto física quanto emocional. E ela me permitiu, com muita generosidade, escrever uma ficção com base em fatos de sua vida que poderiam contar sobre a dor e sua superação. A história se constrói apenas do que é mais simples: viver. Mas realmente viver. Pude tomar os fatos e a eles acrescentar imagens, cenários, sentimentos. Não inventei acontecimentos e a linha mestra se mantém fiel, mas tive liberdade para me apropriar dos personagens e deixá-los ganhar outra dimensão. Muitas vezes a inspiração veio do farto material fotográfico que me foi disponibilizado, de onde criei algumas cenas fundamentais. Vários diálogos são fiéis aos que foram reportados, e alguns foram por mim acrescentados. Por isso ela diz que esta é e não é a sua história.

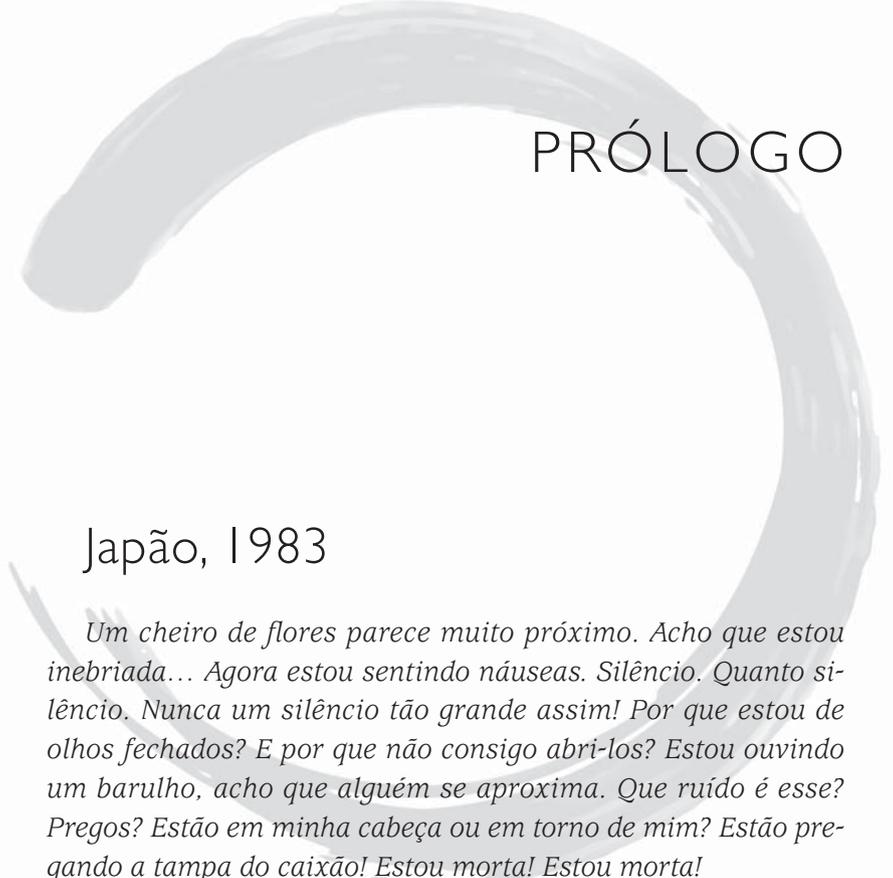
Enquanto escrevia, mais e mais a figura da mulher/monja foi se tornando central, meu foco se fechando nela, e através dela a história se contava. Apesar disso, existe a tentativa de

esclarecer minimamente o Zen Budismo, em especial para quem não o conhece. Afinal, esse é o caminho percorrido pela personagem. O Zen faz parte deste livro porque é intrínseco à mulher que o inspirou. De qualquer maneira, para quem se interessar pelo assunto existe farto material apropriado em livros, na internet e nos templos espalhados pelo Brasil.

Como a Monja Coen acentuou em sua apresentação, o nome da maioria das pessoas que aparece nesta história foi trocado. Foi mantido o nome dos mestres e mestras que a orientaram no Japão como uma maneira de prestar a eles uma homenagem. Maezumi, Aoyama, Joko Beck, Kojima, Yogo tiveram seu nome mantido. Seus dados biográficos, aqui brevemente citados, são de domínio público. Monja Coen e eu decidimos juntas não dar um nome à sua personagem a partir do momento da ordenação monástica. Ficou tão somente “Monja”. Quisemos assim homenagear as mulheres e sua capacidade de lutar e vencer desafios. Na Monja, todas as mulheres representadas.

Enquanto escrevia, fui reencontrando minha própria história, tão diferente desta e tão próxima. Passei pelos dias belos e trágicos de toda uma geração. Também acreditei que o LSD salvaria o mundo, depois a ayahuasca, depois as religiões orientais. Quando encontrava a Monja Coen para as entrevistas, saía leve e confiante. Para mim, a certeza dela no caminho monástico estimulava a certeza em meu próprio caminho. Gosto dessas diferenças entre pessoas. Também gosto de amadurecer, das impressões de vida no rosto e no corpo. É maravilhoso arriscar sempre, renovar sonhos, seguir em frente. Muitas coisas ficam para trás e é preciso que seja assim. Outras nos acompanham mais tempo. Outras, ainda, jamais nos deixarão. Essa riqueza da incompletude e o mistério constante a nos rondar é que fazem a vida valer a pena.

Conhecer a Monja Coen me proporcionou mudanças pessoais. Registro aqui a história que sua vida me inspirou.



PRÓLOGO

Japão, 1983

Um cheiro de flores parece muito próximo. Acho que estou inebriada... Agora estou sentindo náuseas. Silêncio. Quanto silêncio. Nunca um silêncio tão grande assim! Por que estou de olhos fechados? E por que não consigo abri-los? Estou ouvindo um barulho, acho que alguém se aproxima. Que ruído é esse? Pregos? Estão em minha cabeça ou em torno de mim? Estão pregando a tampa do caixão! Estou morta! Estou morta!

Ela abre os olhos de repente e respira fundo. Sente o coração batendo rápido e, assustada, olha ao redor. Aspira o cheiro doce de seu quarto ainda recendendo ao incenso da noite anterior. Entre alívio e estranhamento entende que foi apenas um sonho, mas não se mexe na cama. Procura ao redor o som de uma janela batendo e o associa com o barulho dos pregos no sonho, uma transposição quase perfeita. Lá fora, pequenos sinos pendurados por fios confirmam que o dia se anuncia com o vento. Dentro dela cresce uma inquietação. *Um sonho com a morte. O que significa?* Os dedos brancos puxam de leve a co-

berta, enquanto os olhos percorrem as paredes mudas e acolhedoras. *Se eu fosse morrer, o que gostaria de fazer?*

Esse pensamento viaja em ondas pela pequena casa e atravessa as paredes, misturando-se à grama, que cresce junto da soleira da porta. Em seguida retorna, trazendo imagens da montanha, o Monte Fuji, nas proximidades do qual estão erguidas algumas habitações, entre elas a sua. *Subir o Monte Fuji! É isso que eu faria! Então é o que vou fazer hoje, agora!* Salta da cama com a leveza da gazela que habita por herança seu corpo magro e forte, quase surpreendente. Entre movimentos cuidadosos e pensamentos precisos, ela gosta ainda mais do dia que vem se aproximando, um dia maior que a vida e, no entanto, apenas mais um dia.

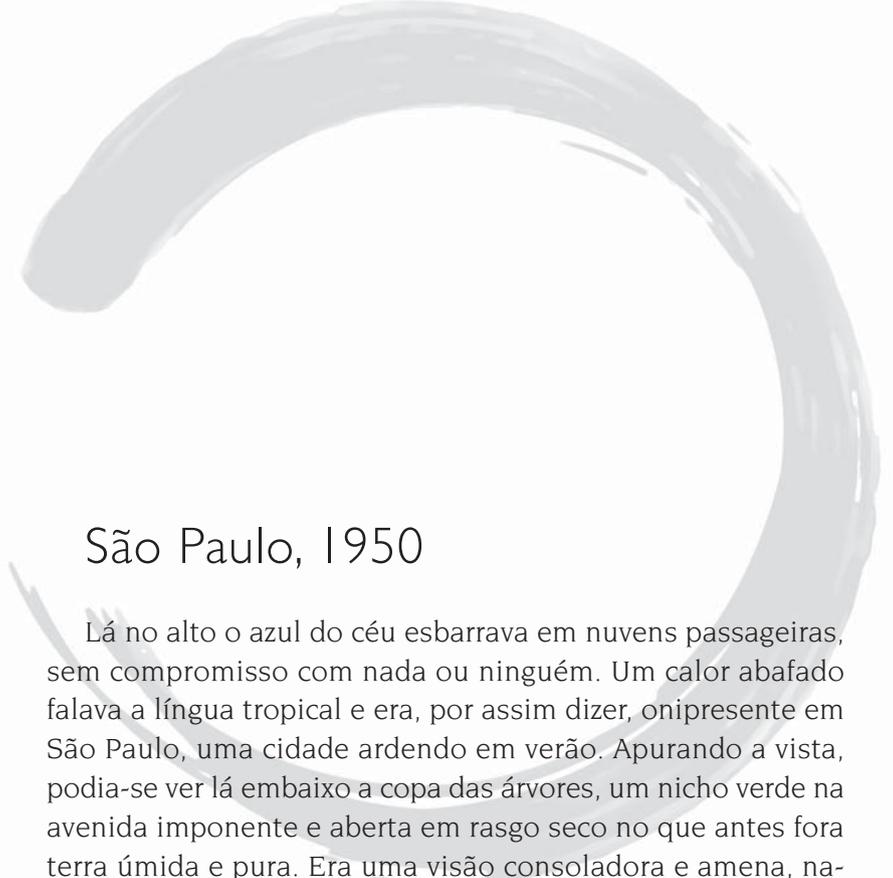
Em frente ao altar, depois de o corpo lavado e nele a túnica pousada, começa a preparar-se para sair. Sapatos apropriados, bolsa de pano, alguma comida, sempre num ir e vir de gestos calmos. Uma luz inquieta emana de sua cabeça lisa de monja, feito brilho roubado à chama trêmula da vela que aguardava o alvorecer. Um momento após o outro é tudo que ela tem, e isso não a difere de todos os outros seres. Nada a difere, na verdade. Apenas existe nela o reconhecimento de que é mais uma pessoa, entre milhares de tantas outras, sem saber o começo e o fim. Sem saber. Talvez no fundo ninguém se conforme com isso. A ilusão da imortalidade é o motor da mortalidade. Mas ela se esvazia das divagações, ergue os olhos e contempla a imagem de Buda por instantes. Sorri e sai.

Ainda em pé, junto à porta entreaberta, olha a lua cheia espalhada num céu sem nuvens que, generosamente, prateia as folhas das árvores e risca traçados no caminho. Por instantes ela tem a impressão de estar no fundo do mar, com suas criaturas misteriosas, entre sombras e fosforescência. Ajeita a larga bolsa de pano cruzando a alça no peito. Nunca antes sentiu tanta liberdade em dirigir os próprios passos. Não precisa comunicar nada a ninguém nem pedir qualquer permissão, sim-

plesmente deve acatar uma ordem que dá a si mesma: saltar da cama de madrugada e tentar subir o Monte Fuji. Olhando para ele a distância, enquanto passa em frente à residência do casal Saito, vai apertando o ritmo, imprimindo um pouco mais de força nas pisadas. No entanto, não deixa pegadas no caminho, deixa migalhas de alegria que pingam dos seus poros, saídas de dentro, bem de dentro do seu ser.



CLARA



São Paulo, 1950

Lá no alto o azul do céu esbarrava em nuvens passageiras, sem compromisso com nada ou ninguém. Um calor abafado falava a língua tropical e era, por assim dizer, onipresente em São Paulo, uma cidade ardendo em verão. Apurando a vista, podia-se ver lá embaixo a copa das árvores, um nicho verde na avenida imponente e aberta em rasgo seco no que antes fora terra úmida e pura. Era uma visão consoladora e amena, naquela manhã de domingo, o silêncio do verde balançando em movimentos aleatórios. Descendo ainda mais, feito ave voando em lentos círculos, aparecia pouco a pouco uma espécie de vida pontilhada em cores esmaecidas que, com a aproximação constante, ia se transformando em movimento. Já era possível abandonar a ideia exótica de um formigueiro qualquer e perceber que se tratava de um universo de seres, dos quais não sabíamos nomes, identidades e histórias. A distância é a guardiã dos mistérios.

Passando pelos galhos firmes e abertos de uma frondosa árvore, deixando para trás ramos suaves e guardados em frescor,